

Corpo, amor e sexualidade na velhice: uma análise de “O amor nos tempos do cólera” de Gabriel García Márquez

Body, love and sexuality during old age: an analysis of “O amor nos tempos do cólera” by Gabriel García Márquez

*Raynara Alves da Silva Marcelino**, *Priscilla Melo Ribeiro de Lima**, *Sostenes Cezar de Lima***

**Universidade Federal de Goiás (UFG)*

***Universidade Estadual de Goiás (UEG)*

Resumo: O presente trabalho desenvolve, a partir da psicanálise, uma análise do corpo, do amor e da sexualidade na velhice evidenciando a ligação de tais temas e a representação da velhice propagada pela sociedade contemporânea. A partir disso, analisamos a obra de Gabriel García Márquez, “O amor nos tempos do cólera”. Esse romance aborda o processo de envelhecer e a sexualidade e o amor entre dois personagens idosos. A análise a partir do aporte teórico psicanalítico nos possibilitou compreender as perdas ocasionadas pela passagem do tempo, como também as aquisições que marcam a velhice. Para tanto, analisamos o discurso hegemônico contemporâneo sobre o corpo, o amor e a sexualidade na velhice e como esses temas são abordados por Márquez. Discutir sobre o amor e a sexualidade na velhice é discutir sobre possibilidades de viver e construir formas de resistência frente ao discurso hegemônico contemporâneo que concebe a velhice como assexuada.

Palavras-chave: Corpo e velhice. Sexualidade na velhice. Psicanálise e literatura. Gabriel García Márquez.

Abstract: The present work develops, from the psychoanalysis, an analysis of the body, of the love and the sexuality in the old age evidencing the connection of such themes and the representation of old age propagated by the contemporary society. From this, we analyze Gabriel García Márquez’s masterpiece, “O amor nos tempos do cólera”. This romance approaches the process of aging and sexuality and love between two elderly people. The analysis from the theoretical psychoanalytic contribution enabled us to understand the losses caused by the passage of time, as well as the acquisitions that mark the old age. Therefore, we analyze the contemporary hegemonic discourse on the body, love and sexuality in old age and how these themes are approached by Marquez. To discuss love and sexuality in old age is to discuss possibilities for living and to build forms of resistance against the contemporary hegemonic discourse that conceives old age as asexual.

Keywords: Body and old age. Sexuality and old age. Psychoanalysis and literature. Gabriel García Márquez.

Introdução¹

O modo como cada pessoa envelhece está determinado por suas condições subjetivas e às condições socioculturais, incluindo a forma como foi vivida sua história pessoal em todos os períodos de sua existência (SANTOS; CARLOS, 2003). Com o aumento da longevidade, a partir de meados do século XX, tornou-se comum discutir o envelhecimento da população. Entretanto, a discussão abrange mais questões voltadas para as políticas públicas, discutindo-se pouco acerca da velhice como uma condição de existência (ÁVILA; GUERRA; MENESES, 2007). O envelhecimento seria o processo biológico, marcado pela temporalidade através do corpo, e a velhice seria uma construção social, caracterizada pela posição do sujeito idoso na sociedade.

O percurso para uma reflexão acerca da velhice e seu sujeito não se dá de forma simples. São várias as imbricações e implicações desencadeadas por essa temática. A velhice, em si, é objeto relativamente novo no discurso científico. Somente após meados do século XX cientistas começaram a se interessar em fazer uma descrição dos padrões evolutivos característicos da velhice, do desempenho cognitivo e plasticidade em adultos e idosos.

A Psicologia do Envelhecimento nasceu, então, a partir da necessidade de um enfoque de desenvolvimento ao longo de toda a vida, advinda da percepção de que as etapas do desenvolvimento estão estreitamente interligadas. As pesquisas daí decorrentes trouxeram novos dados empíricos a respeito do desenvolvimento cognitivo na velhice, novas metodologias de pesquisa, e uma enorme quantidade de perspectivas teóricas (NERI, 2006). Entretanto, as contribuições estavam orientadas mais para a compreensão e explicação de aspectos específicos do envelhecimento, como memória e aprendizagem, do que à elaboração de sistemas teóricos. O final do século XX foi marcado, assim, por pesquisas sobre a velhice e suas particularidades, bem como por teorias do desenvolvimento que primavam pela ideia de continuidade desenvolvimental, como as de Baltes (1987, 1997), Baltes e Baltes (1990), Erikson (1982/1998) e Erikson, Erikson e Kivnick (1986).

¹ Este artigo está vinculado ao projeto de pesquisa interinstitucional “Discursos e identidades: a velhice e seus modos de resistência”, coordenado por Priscilla Melo Ribeiro de Lima e Sostenes Cezar de Lima, e desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP/UFG) e no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT/UEG).

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001.

A partir da passagem do século XX para o XXI, emergiu um movimento de busca por alteração das representações sociais e das formas como o velho é tratado no cotidiano de sua vida. Percebemos o surgimento de um movimento de conscientização social cujo objetivo seria mudar o olhar sobre a velhice, de forma a lhe conceder um reconhecimento social que ainda não existia na memória social da modernidade ocidental. Um exemplo foi a campanha de conscientização sobre a possibilidade de um envelhecimento ativo e saudável lançada pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 2005). No Brasil, o Ministério da Saúde tem se empenhado em efetivar os direitos garantidos pelo “Estatuto do Idoso” promulgado em 2003 (BRASIL, 2003). Além disso, nos últimos anos, tem havido um aumento expressivo na quantidade de estudos nas áreas de Geriatria e Gerontologia. Desde então, diversas políticas têm sido implementadas como as Universidades Abertas à Terceira Idade, os diversos Centro de Convivência de Idosos, as Academias da Terceira Idade nas praças públicas.

Mas, apesar do avanço das investigações sobre as novas representações sociais do idoso e da ação dos movimentos sociais que reivindicam o respeito ao direito dos sujeitos velhos, estudos acerca da sexualidade do idoso na contemporaneidade ainda são escassos. Além disso, estamos imersos em uma cultura que valoriza o novo, e esse culto incide também sobre a imagem e o corpo, instituindo um medo de envelhecer (MUCIDA, 2009). Os avanços da ciência têm possibilitado retardar o processo biológico de envelhecimento e mascarar as marcas da experiência passada no corpo, entretanto, não é possível anular tais marcas, que advém de marcadores biológicos. Assim como a tecnologia, os avanços da ciência e o culto ao novo não conseguem transformar o processo psicossocial que é a velhice (ÁVILA; GUERRA; MENEZES, 2007).

O discurso hegemônico contemporâneo acerca do corpo ressalta a juventude como ideal a ser conquistado e remete tudo aquilo que não corresponde a esse ideal a um lugar de exclusão. Esse ideal emergiu após a instauração e avanço da Modernidade, quando as relações do sujeito consigo, com seu corpo e com o tempo sofreram diversas transformações. Da mesma forma, mudanças ocorreram no lugar social e simbólico do velho na sociedade ocidental. Debert (1999, 2006) ressalta que os processos culturais, sociais e econômicos decorrentes do final do século XIX e início de século XX culminaram em transformações na forma como o ciclo de vida era dividido.

Com a Modernidade, surgem os conceitos de infância, adolescência/juventude e velhice. A primeira etapa passa a representar as promessas de um futuro melhor; a segunda passa a ser extremamente valorizada justamente por se referir à etapa em que o sujeito está se preparando para o mercado de trabalho e por representar a jovialidade e a força de trabalho; a última passa a ser o antônimo do que se busca, ou seja, decadência e morte, justamente pelo fato de o sujeito não mais possuir a força de antes. Barros (2006) afirma que “ser velho no mundo ocidental contemporâneo, assim como ser criança, jovem e adulto, remete a configurações de valores distintas de outros momentos históricos de nossa sociedade e de

outras culturas” (p. 9). E, na nossa sociedade ocidental, a velhice parece representar o que o sujeito contemporâneo mais teme – a finitude.

Na contramão dessa perspectiva que associa envelhecimento a perdas, Baltes (1987, 1997), Baltes e Baltes (1990), Erikson (1982/1998), Erikson, Erikson e Kivnick (1986) e Messy (1999) ressaltam que o processo de envelhecimento, que se estende durante toda a vida, é marcado por uma sucessão de perdas e aquisições. No entanto, a sociedade contemporânea estabelece a juventude (o novo) como o benefício e a velhice como o déficit, ou seja, apenas as perdas. Os estudos desses autores demonstram que perdas – cognitivas, sociais, afetivas etc. – ocorrem desde o início da vida, mas que o discurso hegemônico associa apenas à velhice. Dessa forma, as mudanças corporais sinalizadas na meia idade, como rugas, flacidez muscular e cabelos brancos, e diminuição de certas capacidades cognitivas, como memória e atenção, são vistas como indicadores da proximidade da improdutividade e da morte, sendo representadas por um viés negativo.

Nesse sentido, as possibilidades de aquisições sociais e cognitivas, de novos investimentos libidinais, e de trocas afetivas advindas de novas e antigas relações são negadas socialmente ao sujeito velho (LIMA; LIMA; COROA, 2016; LIMA; VIANA; LIMA, 2015). Diante disso, percebemos que as qualidades atribuídas aos velhos e que determinam socialmente sua identificação são estigmatizadoras e um produto ideológico da hegemonia. A existência de uma identidade construída com base nesse discurso hegemônico afirma que o velho não pode investir no presente, nem se projetar para o futuro, pois a ele apenas resta o passado, as lembranças para rememorar e, no futuro, o confronto com a morte (ÁVILA; GUERRA; MENESES, 2007; BIRMAN, 1997).

1 O corpo e a imagem

A velhice parece dar seus primeiros sinais de chegada no corpo. Para além das marcas corporais como rugas e cabelos brancos que podem aparecer bem antes dos 60 anos, a imagem corporal refletida no olhar do outro parece ser o demarcador de entrada na velhice. Ser conduzido à fila de atendimento preferencial na lotérica, um jovem ceder seu lugar no ônibus ou alguém lhe chamar de senhor/senhora refletem a passagem do tempo e parecem indicar a concretude do processo de envelhecimento rumo ao fim da vida. Rubem Alves, escritor mineiro, rememora, em várias crônicas, o momento em que, pela primeira vez, constatou que o tempo tinha passado e que a velhice chegara. Na crônica “*A gente é velho...*” (2009, p. 49-51), relata o episódio de quando, ao entrar no metrô em São Paulo, sofreu o que chama de “humilhação bondosa”:

A gente é velho quando é objeto de humilhações bondosas. Como aquela que aconteceu comigo 25 anos atrás. O metrô estava cheio. Jovem, segurei-me num balaústre. Notei então que uma jovem de uns 25 anos me olhava com um olhar amoroso. Olhei para ela. E houve um momento de suspensão romântica. [...] Ela me olhava com um rosto calmo e não desviou o olhar quando os seus olhos se encontraram com os meus. Prova de que ela me achava bonito. Sorri para ela, ela sorriu para mim... [...] Minha cabeça e meu coração se alegraram. Até o momento em que ela se levantou com um sorriso e me ofereceu o lugar. Foi um gesto de bondade. Com seu gesto ela me dizia: ‘O senhor me traz memórias ternas do meu avô’. [...] Maldita delicadeza! Seu gesto amoroso me humilhou e perfurou meu coração. E eu não tive alternativas. Como rejeitar gesto tão delicado? Remoendo-me de raiva e sorrindo, assentei-me no lugar que ela deixara para mim, sim, ela me achava bonito. Tão bonito quanto seu avô.

Em outra crônica, “*A pior idade*”, desabafa: “Eu não me descobri velho. Alguém me ensinou que eu era velho, mostrando-me um espelho. [...]. Seu gesto amoroso foi um espelho verdadeiro e cruel. Ela, jovem, vivia sua ‘melhor idade’. E sua ‘melhor idade’ fazia aquele gesto de respeito perante mim, em minha ‘pior idade’” (2009, p. 54-55). Muito próxima à experiência de envelhecimento de Florentino Ariza descrita por Márquez, no romance “Amor nos tempos do cólera”:

Florentino Ariza não achava que fossem parecidos [ele e o pai] [...] nem nos retratos se parecia com ele, não correspondia às suas lembranças nem à imagem que pintava a mãe [...]. Contudo, Florentino Ariza descobriu a parecença muitos anos depois, enquanto se penteava na frente do espelho, e só então compreendeu que. Um homem sabe quando começa a envelhecer porque começa a parecer com o pai (MÁRQUEZ, 2003, p. 213).

Há uma estreita relação entre a experiência corporal e a imagem corporal. Freud, ao estabelecer as premissas para a compreensão do funcionamento psíquico, afirma que o Eu “é, sobretudo um Eu corporal” (FREUD, 1923/2007, p. 38), e esse Eu corporal está perpassado pelas pulsões e pelo desejo. A partir desse corpo pulsional e das satisfações obtidas, inúmeras identificações vão ocorrendo no decorrer da vida – do nascimento até a velhice –, de forma que, desde o início da vida, o olhar do outro é fundamental para a construção da imagem corporal e do próprio Eu.

Lacan (1949/1998a), em seu texto acerca do estágio do espelho, ressalta que essa etapa da vida pode ser compreendida a partir do conceito de identificação. A identificação, no sentido conferido por Lacan, seria tomada como a “transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (p. 97). Essa assunção de uma imagem corporal seria um dos desdobramentos da experiência do corpo refletida pelo espelho e confirmada pela fala e pelo olhar do Outro que constitui o corpo narcísico. Essa identificação e essa construção de uma *imago* própria ocorrem a partir do olhar materno, do olhar do Outro.

Esse corpo narcísico faz referência à constituição do Eu a partir da presença do outro. A identidade egoica vai se amoldando pela imagem corporal que atende à demanda do outro. Esse outro, inicialmente os pais e adultos significativos, atribui ao sujeito uma imagem, segundo Costa (2005), de “completude física, emocional e moral proporcional à sua fantasia de perfeição e exige em troca a submissão a este ideal” (p. 73). O eu, portanto, transforma a ordem do imaginário em uma espécie de defesa ante ao esfacelamento do real e à percepção inicial do bebê de um corpo fragmentado. Jorge (2008) adverte que o imaginário deve ser compreendido a partir “da relação especular, dual, com seus logros e identificações” (p. 46). A imagem projetada traz a ilusão da completude e da realização plena e permanente do desejo.

A busca pela confirmação do outro e da imagem idealizada nos acompanha durante toda a vida. Os processos identificatórios, ao contrário do que normalmente se pensa, não se encerram na infância. Green (1988) ressalta que “a identidade não é um estado, é uma busca do Eu que só pode receber sua resposta reflexiva através do objeto e da realidade que a refletem” (p. 45). Assim como ocorre nas fases anteriores à velhice, a imagem de si está ancorada nos processos de identificação construídos a partir do outro e intermediados pelos ideais culturais. Como em um espelho, ou vários, a realidade exterior reflete a identidade do sujeito que, por conseguinte, constrói uma imagem de si. Em um movimento dialético de idas e vindas entre mudanças e permanências, as identificações vão moldando a ideia de quem somos e para quem somos.

Entretanto, essas identificações serão confrontadas pelas transformações provocadas tanto pelas mudanças biológicas quanto pela passagem do tempo. Assim como a passagem da infância para a adolescência é marcada por uma transformação do corpo e de sua imagem, a entrada na velhice, sinalizada a partir das transformações da maturidade, também demandará um processo de reinvenção de si. Em ambas as fases o olhar do outro será definidor. Entretanto, a experiência da criança no processo de adolecer e a experiência do adulto que envelhece refletirão os ideais culturais. O corpo adolescente é a conquista do ideal de beleza e jovialidade, enquanto o corpo velho é o reflexo do que nossa sociedade teme – improdutividade e finitude.

Essa experiência com um corpo que reflete o negativo da idealização será portadora de um narcisismo negativo, ou seja, há uma cessação no investimento narcísico no corpo velho. Além disso, o sujeito depara-se com certas impossibilidades de qualquer exercício da sexualidade – já que essa é compreendida, na contemporaneidade, a partir dos padrões da sexualidade adulta. Esquece-se que a sexualidade possui características próprias para cada sujeito e para cada etapa da vida. Mucida (2009, p. 158) argumenta que

Não é a idade que determina a ausência do desejo e, muito menos, ausência ou a presença de relações sexuais, mesmo que estas possam ser inscritas na velhice sobre tecidos diferentes daqueles encontrados na adolescência, nos quais se computar os organismos é uma forma usual. A sexualidade do idoso pode encontrar caminhos inéditos nos quais o desejo, que não morre, encontra outras maneiras de inscrição.

Essa desvalorização tanto do corpo quanto da imagem da velhice acaba por produzir uma aversão, um ódio e um não reconhecimento de si através da imagem envelhecida. Como descrito por Messy (1999), a imagem da velhice parece uma imagem fora do espelho, que, quando nos apanha, produz uma impressão de estranheza. Em nossa sociedade, as ideologias e estereótipos sobre a velhice sustentam um encontro inevitável com um corpo, que se torna decrepito, e com uma vida inativa e dependente dos outros, instituindo o medo de envelhecer e corroborando com a supervalorização do corpo, da imagem e de tudo que é novo.

Desse modo, temos a juventude como ideal de vida, de beleza e de ser desejado e vivido por todos. E a velhice passa a ser representada como uma fase triste, apática e sofrida, como algo ruim que deve ser evitado, disfarçado se utilizando de diversos mecanismos ilimitados para se alcançar a juventude, como cremes anti-idades, comidas rejuvenescedoras, exercícios específicos para manter o corpo rígido e jovem, e outros diversos meios que são criados e reproduzidos pela sociedade. São esses discursos e práticas sociais que constroem a representação social da velhice e contribuem para o não reconhecimento da velhice. No entanto, tais representações estereotipadas da velhice ignoram as potencialidades dessa fase da vida, que é marcada por perdas, mas também por aquisições de qualidade de vida, saúde e bem-estar e rede social.

Mudanças corporais e psíquicas decorrentes do processo de envelhecimento após a maturidade modificam tanto a forma como o sujeito velho é visto quanto a sua relação consigo mesmo. Márquez relata essas modificações da velhice através do olhar de Florentino ao ver Fermina, ainda casada, em uma noite de teatro. Na ocasião, Fermina necessita da ajuda do marido para ajudá-la a sair do recinto sem tropeçar e cair:

Florentino Ariza era muito sensível a esses tropeços da idade. Quando ainda jovem, interrompia a leitura de versos nos parques para observar os casais de anciãos que se ajudavam na travessia da rua, e eram lições de vida que lhe haviam ajudado a vislumbrar as leis de sua própria velhice. Na idade do doutor Juvenal Urbino aquela noite do cinema, os homens floresciam numa espécie de juventude outonal, pareciam mais dignos com as primeiras cãs, se tornavam engenhosos e sedutores, sobretudo aos olhos das mulheres jovens, enquanto que suas murchas esposas tinham que se aferrar ao braço deles para não tropeçarem até na própria sombra. Poucos anos depois, no entanto, os maridos despencavam de repente no precipício de uma velhice infame do corpo e da alma, e então eram as esposas restabelecidas que tinham de guiá-los pelo braço como cegos de caridade, sussurrando-lhes ao ouvido, para não ferir seu orgulho de homens, que reparassem bem que eram três e não dois os degraus, que havia uma poça no meio da rua, que esse volume atravessado na calçada era um mendigo morto, enquanto os ajudavam a duras penas a atravessar a rua como se fosse o único vau no último rio da vida. Florentino Ariza se mirara tantas vezes nesse espelho que nunca teve tanto medo da morte quanto da infame idade em que precisasse ter uma mulher a guiá-lo pelo braço (MÁRQUEZ, 2003, p. 319-320).

Mudam-se as formas como é tratado e olhado pelas pessoas à sua volta. O sujeito precisa lidar, então, com as falhas do corpo, mas também com a forma como passa a ser tratado pelas pessoas à volta. É frequente observarmos que o idoso, ao necessitar de ajuda diante da falha do corpo e diante de tarefas corriqueiras, tem sua autonomia negada, sendo tratado de forma infantilizada. As “humilhações bondosas”, como chamadas por Rubem Alves (1998), se tornam constantes, desencadeando os movimentos de infantilização e dessexualização da velhice. É como se, ao entrar na velhice, o sujeito não mais tivesse necessidade de ser desejado e que, tal como supostamente a criança é, tornou-se assexuado. Esse sujeito é reduzido ao corpo que falha. Restaria a ele o lugar de ser cuidado, e não desejado. Dessa forma, qualquer manifestação de demanda por ser tocado e desejado sexualmente é visto como uma perversão ou uma disfunção ou uma imoralidade.

Podemos observar esse discurso nas propagandas midiáticas e telenovelas, em que os personagens idosos sempre carregam uma áurea de castidade ou, se demonstram desejo sexual, são rotulados e tratados como doentes ou despudorados. No que diz respeito às mulheres, é como se após a perda da capacidade reprodutiva (a entrada na menopausa) e a suposta incapacidade cognitiva para criar filhos indicasse o fim da necessidade de manter

relacionamentos sexuais. Em estudo acerca da sexualidade na velhice, Ribeiro (2009) ressalta que geralmente são os filhos os que, primeiramente, negam a sexualidade dos pais idosos. Além disso, “interpretam a necessidade sexual dos pais, isto quando admitem que ela existe, como algo depreciativo, como sinal de segunda infância ou como sinal de demência” (p. 125).

No romance de Márquez, Fermina perde seu marido Urbino após anos de um casamento feliz. Parecia que seu destino estava selado – passaria sua velhice dedicada à rememoração, sem perspectivas futuras, e critica o não reconhecimento da velhice como fase igualmente sexuada. Quando Florentino Ariza se reaproxima dela, Fermina resiste veementemente ao amor de Florentino. Inicialmente, ela se mostra arredia e com dificuldades em aceitar a convivência com Florentino Ariza. A viuvez, após anos de casamento de grande cumplicidade, necessita de tempo até que o luto seja elaborado. Freud (1915/2010), em “*Luto e melancolia*”, retrata o movimento libidinal ante a perda de objeto de amor:

O exame da realidade mostrou que o objeto amado não mais existe, e então exige que toda libido seja retirada de suas conexões com esse objeto. Isso desperta uma compreensível oposição — observa-se geralmente que o ser humano não gosta de abandonar uma posição libidinal, mesmo quando um substituto já se anuncia. Essa oposição pode ser tão intensa que se produz um afastamento da realidade e um apego ao objeto [...]. O normal é que vença o respeito à realidade. Mas a solicitação desta não pode ser atendida imediatamente. É cumprida aos poucos, com grande aplicação de tempo e energia de investimento, e enquanto isso a existência do objeto perdido se prolonga na psique. [...]. Mas o fato é que, após a consumação do trabalho do luto, o Eu fica novamente livre e desimpedido (p. 173-174).

No entanto, a convivência com Florentino e as trocas de cartas com palavras de esperança a fazem superar seu luto e reinvestir libidinalmente em outro objeto. Após um tempo de insistência de Florentino, Fermina aceita e responde às cartas dele. Mas seu processo de luto ainda lhe requisitava elaborações. Quando Florentino vai rápido demais e faz uma declaração de amor com pétalas de rosas em uma de suas cartas, Fermina se retrai novamente. Mas o caminho para a elaboração da perda e a construção de um novo investimento libidinal já estava traçado:

Três semanas bastaram a Fermina Daza para ver a falta que lhe faziam as visitas de Florentino Ariza. Passava muito bem seu tempo com as

amigas assíduas, melhor ainda à medida que o tempo a afastava dos costumes do marido. Lucrecia dei Real dei Obispo tinha ido ao Panamá para examinar uma dor de ouvido que não cedia com nada, e voltou muito aliviada depois de um mês, mas ouvindo menos que antes com uma trombetinha que colocava na orelha. Fermina Daza era a amiga que tolerava melhor suas confusões de perguntas e respostas, o que estimulava tanto Lucrecia que não havia dia em que não aparecesse por ali a qualquer hora que fosse. Mas Fermina Daza não pôde preencher com nenhuma outra pessoa as tardes calmantes de Florentino Ariza (MÁRQUEZ, 2003, p. 393).

Entretanto, Fermina precisou enfrentar o preconceito de sua filha que, de certa forma, representa o discurso hegemônico que nega ao idoso a sexualidade e a possibilidade de novas construções. Márquez assim retrata a cena (2003, p. 400-401):

Seu alarme gerou crises desde a primeira semana, quando verificou o grau de familiaridade e domínio com que Florentino Ariza entrava na casa, e dos cochichos e fugazes arrufos de noivos com que transcorriam as visitas até bem entrada a noite. O que para o doutor Urbino Daza era uma saudável afinidade de dois anciãos solitários, para ela era uma forma viciosa de concubinato secreto. Assim foi sempre Ofélia Urbino, mais parecida com dona Blanca, sua avó paterna, do que se tivesse [...] não era capaz de conceber a inocência de uma amizade entre um homem e uma mulher nem aos cinco anos de idade, e muito menos aos oitenta. Numa disputa aguerrida que teve com o irmão, disse que a única coisa que faltava para que Florentino Ariza acabasse de consolar sua mãe era que se metesse com ela em sua cama de viúva. O doutor Urbino Daza não tinha coragem para enfrentá-la, nunca tinha tido, mas sua mulher intercedeu com uma justificação serena do amor a qualquer idade. Ofélia perdeu as estribeiras.

— O amor é ridículo na nossa idade – gritou – mas na idade deles é uma porcaria.

Empenhou-se com tal ímpeto na determinação de afugentar Florentino Ariza da casa que chegou aos ouvidos de Fermina Daza. Ela a chamou ao quarto, como sempre que queria falar sem ser ouvida pelas criadas, lhe pediu que repetisse as recriminações. Ofélia não suavizou nada: estava certa de que Florentino Ariza, cuja fama de pervertido ninguém ignorava, mantinha uma relação equívoca, mais prejudicial ao bom

nome da família que as tratantadas de Lorenzo Daza e as aventuras ingênuas de Juvenal Urbino. Fermina Daza a escutou sem dizer palavra, sem mesmo pestanejar, mas quando acabou de escutar era outra: tinha voltado à vida.

— Só tenho pena é de não ter forças para dar em você a surra de couro que você merece, por atrevida e cheia de malícia – disse. Mas agora mesmo você vai embora desta casa, e juro pelos restos de minha mãe que não pisa mais nela enquanto eu estiver viva.

[...]. À nora, com quem manteve sempre uma certa cumplicidade plebeia, soltou por fim uma confidência com a fala florida de seus melhores anos: “Faz um século me cagaram a vida com esse pobre homem porque éramos demasiado jovens, e agora querem repetir a dose porque somos demasiado velhos”. Acendeu um cigarro na guimba de outro, e acabou de se livrar do veneno que lhe roía as entranhas.

— Que vão à merda – disse. — Se nós viúvas temos alguma vantagem, é que já não resta ninguém que nos dê ordens.

Com essa atitude, ela enfrenta a reprovação social, e acaba por construir um movimento de resistência: “Se nós viúvas temos alguma vantagem, é que já não resta ninguém que nos dê ordens”.

Entretanto, outro enfrentamento também se faz necessário – o de um corpo marcado pelo envelhecimento e com desgastes e falhas, além de não ser valorizado socialmente, nem se encaixar nos ideais postos pela sociedade. Percebemos a emergência de uma familiar estranheza diante da constatação do corpo envelhecido que se contrapõe à imagem de si que ainda permanece jovem. Mucida (2009) destaca que essa estranheza se apresenta diante da imagem envelhecida e refletida externamente pois a imagem corporal internalizada reflete a não passagem do tempo para o inconsciente, haja vista sua atemporalidade. Entretanto, essa imagem imobilizada no tempo compõe um falseamento e um desacordo com o corpo real. Mucida ressalta, como algo fundamental para o bom funcionamento psíquico, a capacidade de suportar a falta presente na imagem, dando-lhe destinos nos quais o sujeito esteja implicado. Daí a importância, destacada por Ávila, Guerra e Meneses (2007), do convívio social como fonte permanente de suporte para o sujeito, fornecendo-lhe condições para lidar com a falta.

Diante das mudanças corporais que se desdobram em mudanças na imagem corporal na velhice, muitas vezes pode insurgir, como ressalta Messy (1999), um Eu-feiura que encarna o horror à fragmentação. Mucida (2004) destaca que, por mais que existam, na

atualidade, recursos tecnológicos para prolongar a vida e retardar os efeitos do envelhecimento, não há como “diminuir a distância entre um envelhecimento corporal inevitável e um psiquismo que não envelhece. De qualquer forma, o corpo físico que se modifica [...] somado às perdas objetivas que se tornam mais numerosas e às perdas sociais tem consequências sobre o narcisismo” (p. 100). Assim, há uma necessária reconfiguração psíquica que a velhice impõe, tornando-se fundamental que o sujeito encontre vias de elaboração de um luto pelo corpo e de reestruturação da própria imagem a fim de não submergir em sofrimento psíquico.

Fermina e Florentino, após decidirem fazer uma viagem juntos, se deparam com o desejo. Junto com o desejo, são compelidos a enfrentar essa realidade do corpo envelhecido que, além de possuir novos contornos e forma, tem também outro ritmo e outro tempo para o prazer.

Levou-o para o quarto e começou a se despir sem falsos pudores com as luzes acesas. Florentino Ariza se estendeu de costas na cama, procurando recobrar o domínio, de novo sem saber o que fazer com a pele do tigre que tinha matado. Ela disse: "Não olhe." Ele perguntou por que sem afastar a vista do teto baixo.

— Porque você não vai gostar — disse ela.

Então ele a olhou, viu-a nua até a cintura, tal como a imaginara. Tinha os ombros enrugados, os seios caídos e as costelas forradas de um pelame pálido e frio como o de uma rã. Ela tapou o peito com a blusa que acabava de tirar, e apagou a luz. Ele então se refez e começou a se despir na escuridão, jogando nela cada peça de roupa que tirava e que ela devolvia morta de rir.

[...]. Por outro lado, a prudência de Florentino Ariza teve uma recompensa inesperada: ela estendeu a mão no escuro, acariciou-lhe o ventre, os flancos, o púbis quase sem pelos. Disse: “Você tem uma pele de neném.” Depois deu o passo final: buscou-o onde não estava, tornou a buscá-lo sem ilusões, e o encontrou inerte.

— Está morto — disse ele.

Acontecia amiúde da primeira vez, com todas, desde sempre, de modo que tinha aprendido a conviver com aquele fantasma: a cada vez tinha que aprender de novo, como se fosse a primeira (MÁRQUEZ, 2003, p. 420-421).

Agora, Florentino e Fermina, juntos, se encontram com o desafio de reaprender o amor.

2 A criação de amar

O amor possui as mais variadas formas, as mais diversas interpretações e criações, e os mais diferentes desenlaces. Da mitologia grega vem à ideia mais difundida de amor no ocidente, a de encontro. Na concepção de amor da filosofia platônica, temos a presença da falta no seio do próprio amor, ou seja, o amor deve suportar a falta. O amor é, assim, um paradoxo, pois ao mesmo tempo em que nos dá uma sensação de eternidade, nos mostra a finitude da vida (MUCIDA, 2009). Como bem ressalta Mucida (2009), “abrir-se ao amor que suporta a falta liga-se à forma como cada um pode suportar e conduzir em si mesmo a falta e a solidão intrínsecas à nossa existência. O amor à completude é fadado ao fracasso e às frustrações” (p. 131).

Estudos como os de Erikson, Erikson e Kivirik (1986), J. Erikson (1998) e Tornstam (1997) demonstram como a velhice é uma etapa propícia para a experimentação e compreensão mais real das relações afetivas. J. Erikson (1998) e Tornstam (1997) atentam para a necessária construção da sabedoria como uma força psicossocial que auxilia o sujeito velho a compreender que a plenitude é inalcançável e que a felicidade estaria em suportar a própria falta e incompletude. Rilke (*apud* MUCIDA, 2009) nos oferece a ideia de amor como o “encontro de duas solidões advindo de uma preparação que demanda tempo” (p. 131), um tempo para conduzir a própria solidão e a falta, inerentes à condição humana.

A velhice, ao contrário do que afirma o discurso hegemônico, pode ser um período propício para o amor “que suporta a falta e pode tecer com ela outras formas de estar junto, diferente do anseio de obter do outro aquilo que por estrutura, a vida nos retira”, afirma Mucida (2009, p. 132). Porém, mesmo a passagem do tempo sendo necessária para construção desse tipo de amor, ela não é suficiente. A velhice traz um sujeito marcado pelas experiências e decepções da vida e, por isso mesmo, esse sujeito pode se recusar a se abrir e experimentar as novas possibilidades. É necessária a escuta desse sofrimento, de forma que esse sujeito possa enfrentar e elaborar suas perdas e lutos, criando seus próprios caminhos, aprendendo e construindo as suas próprias formas de amar, mobilizando outras vias para a satisfação pulsional. Santos e Carlos (2003) enfatizam que

O velho não deixa de amar, mas reinventa formas amorosas. A relevância do estudo do amor na velhice está nesta perspectiva: de pensar outro enfoque para a vida do velho, não partindo de suas perdas, mas, ao contrário, das possibilidades criativas dadas pelo vivido, pelo sofrido e

pelo acumulado nas experiências amorosas e, por isso mesmo, reengendrando a vida em suas infinitas possibilidades, independentemente da proximidade real da morte (p. 59).

Maud Mannoni (1995), em estudo acerca da velhice e da morte, sustenta que, nessa etapa, a sexualidade necessita ser compreendida a partir de características que lhe são peculiares. As modificações corporais reescrevem uma nova trama na forma do sujeito lidar com seu corpo. Mannoni ressalta uma sexualidade presente na ternura e nos “contatos a serem mantidos pela voz, o olhar, o toque” (p. 21), e não apenas pautada no prazer do órgão no ato sexual. É necessário considerarmos as pulsões parciais, como um olhar, uma forma particular de falar e de ser, um toque, certas palavras, ou seja, miudezas do cotidiano (muitas vezes impossíveis de serem nomeadas) que (re)acendem o desejo e reconduzem o sujeito ao amor. É, quase sempre, uma falha que mostra ao sujeito a necessidade de um novo enlace para a satisfação pulsional. Márquez faz uma descrição dessa possibilidade de reconstrução após a frustração da falha. Após não conseguir responder ao toque de Fermina, Florentino retorna à sua cabine mais tarde:

Mas voltou no mesmo dia, à hora insólita de onze da manhã, fresco e restaurado, e se desnudou na frente dela com uma certa ostentação. Foi um prazer vê-lo a plena luz tal como o imaginara no escuro: um homem sem idade, de pele escura, lúcida e tensa como um guarda-chuva aberto, sem pelos além dos muito escassos e espichados das axilas e do púbis. Estava de guarda alta, e ela percebeu que não deixava ver a arma por acaso e sim que a exibia como um troféu de guerra para se dar coragem. Nem lhe deu tempo de tirar a camisola que tinha posto quando começou a brisa do amanhecer, e sua pressa de principiante provocou nela um arrepio de compaixão. Que não a afetou, porque em casos como aquele não lhe parecia fácil distinguir entre a compaixão e o amor. No fim, porém, se sentiu vazia. Era a primeira vez que fazia amor em mais de vinte anos, e o fizera embargada pela curiosidade de sentir como podia ser, em sua idade e depois de um recesso tão prolongado. Mas ele não tinha lhe dado tempo de saber se seu corpo também estava querendo. Tinha sido rápido e triste, e ela pensou: "Agora está tudo fodido." Mas se enganou: apesar do desencanto de ambos, apesar do arrependimento dele pela sua bisonhice e do arrependimento dela pela loucura do anis, não se separaram um instante nos dias seguintes. Mal saíam do camarote para as refeições (MÁRQUEZ, 2003, p. 422).

A velhice, entretanto, pode ser um tempo para a redescoberta da cumplicidade e de novas vias para satisfação do desejo. Tanto em “O amor nos tempos do cólera” (1985/2003), quanto em “Memória de minhas putas tristes” (2006), García Márquez descreve as sutilezas presentes na sexualidade na velhice. O velho jornalista nonagenário de “Memória de minhas putas tristes” declara: “Naquela noite descobri o prazer inverossímil de contemplar, sem as angústias do desejo e os estorvos do pudor, o corpo de uma mulher adormecida” (MÁRQUEZ, 2016, p. 35).

Em “O amor nos tempos do cólera”, a reescrita do amor se dá após vários momentos de cumplicidade em que as pulsões parciais foram sendo satisfeitas. Márquez (2003, p. 422, 425) descreve:

Não tentaram de novo o amor até muito depois, quando a inspiração chegou sem que a buscassem. Bastava-lhe a ventura simples de estar juntos. [...] Fizeram um amor tranquilo e são, de serenos avós, que se fixaria em sua memória como a melhor lembrança daquela viagem lunática. Não se sentiam mais como noivos recentes, ao contrário do que o comandante e Zenaida supunham, e menos ainda como amantes tardios. Era como se tivessem saltado o árduo calvário da vida conjugal, e tivessem ido sem rodeios ao grão do amor. Deixavam passar o tempo como dois velhos esposos escaldados pela vida, para lá das armadilhas da paixão, para lá das troças brutais das ilusões e das miragens dos desenganos: para lá do amor. Pois tinham vivido juntos o suficiente para perceber que o amor era o amor em qualquer tempo e em qualquer parte, mas tanto mais denso ficava quanto mais perto da morte.

É interessante observar que os protagonistas masculinos de ambos os livros de Márquez – o jornalista nonagenário, de “Memória de minhas putas tristes”, e Florentino Ariza, de “O amor nos tempos do cólera” – apresentam uma vida sexual bastante ativa durante a vida toda. Mas é na velhice que finalmente encontram ressonância para essa sexualidade na forma de amor e cumplicidade. O jornalista havia decidido que passaria a vida e morreria só na cama que havia sido de seus pais. Assim, passou toda a sua vida levando relacionamentos efêmeros principalmente com prostitutas. Florentino, após ter sido frustrado em seu intento de se casar com Fermina na juventude, prometeu permanecer virgem. Mas uma virgindade no tocante a se apaixonar e se casar com outra mulher que não fosse Fermina. Viveu até a velhice relacionamentos breves e fugazes com diversas mulheres, até o dia de se tornar doutor Urbino marido de Fermina.

Apesar de ambos os livros retratarem a sexualidade na velhice e construir um discurso de resistência, Gabriel García Márquez não consegue romper com o estereótipo de que o homem possui uma sexualidade mais ‘aguçada’ que a mulher. Dessa forma acaba por não romper com o estereótipo de gênero, segundo o qual a mulher que exerce sua sexualidade de forma que não se enquadra aos padrões sociais é considerada puta.

Considerações finais

Apesar de todos os avanços científicos e conquistas sociais para o melhoramento no que se refere longevidade e qualidade de vida, como na saúde, trabalho e sexualidade, muitos tabus, estereótipos e representações negativas que rodeiam a vida na velhice ainda continuam a existir, principalmente quando se trata de sexualidade (MOLETTA; OLIVEIRA, 2007). As representações negativas da velhice se manifestam constantemente no discurso midiático, seja nas produções culturais da mídia, no discurso publicitário e, até mesmo, no discurso jornalístico. Assim, notamos haver um discurso hegemônico da velhice, que retira do sujeito velho a possibilidade de continuar existindo plenamente no corpo, de continuar desejando e sendo desejado, de continuar tocando e sendo tocado. Notamos haver a necessidade de que esse discurso hegemônico seja confrontado por uma política identitária da velhice, que tenha como pauta a construção de um discurso contra-hegemônico, capaz de recolocar a velhice no plano da vida, concebendo-a como um lugar de existência plena do corpo e dos afetos.

Nesse sentido, é preciso haver a construção de um discurso identitário de resistência para o sujeito velho, que reconheça a sua sexualidade. Ou seja, é preciso construir um discurso que se contraponha à representação do sujeito velho como um ‘perverso’ ou ‘tarado’, quando manifesta qualquer forma de desejo sexual. A representação hegemônica da velhice, como ressaltam Moletta e Oliveira (2007, p. 2), tende a “reprimir as expressões da sexualidade na velhice, como se o interesse sexual ou amoroso causasse certo horror, fosse algo aberrante, que não pode ser revelado, demonstrado, explicado e muito menos aceito”. Um discurso contra-hegemônico da velhice recoloca a sexualidade no domínio do humano, concebendo-a como uma experiência vital do sujeito, independentemente da fase em que se encontra. Busca-se, dessa forma, uma despatologização e uma “des-moralização” da sexualidade na velhice.

Para além do prazer de órgão, a sexualidade deve ser compreendida, tal como Freud postula em toda a sua obra, como toda forma de energia de vida que busque prazer. Ou seja, sexualidade é pulsão de vida, é tudo que busca satisfação de forma a conduzir o psiquismo a fazer novas ligações. Mucida (2009) resalta que a sexualidade “sempre se coloca para o sujeito falante como algo avesso ao instinto, avesso ao anatômico e, portanto, inclui um

campo complexo no qual persistem também os desencontros. Dizer que a sexualidade é avessa ao anatômico não implica que se possa prescindir dos efeitos do real ao corpo” (p. 138). As pulsões parciais – o toque, o olhar – e o desejo alheio são indícios de que o corpo pulsional e simbólico estão presentes. A resposta que outro emite auxilia o sujeito a lidar com o vazio da imagem do corpo envelhecido e a dar novos contornos e novas simbolizações às castrações do real. Rubem Alves (2001, p. 103-104) escreve na crônica “*E os velhos se apaixonarão de novo...*”:

Amor de mocidade é bonito, mas não é de se espantar. Jovem tem mesmo é que se apaixonar. Mas o amor na velhice é um espanto, pois nos revela que o coração não envelhece jamais. Pode até morrer, mas morre jovem. O amor tem poder mágico de fazer o tempo correr ao contrário [...] A sociedade inteira ensina aos velhos que o tempo do amor já passou, que o preço de serem amados por seus filhos e netos é a renúncia aos seus sonhos de amor [...]. A conclusão [da vida] deve ser um orgasmo de alegria. Se eu pudesse, acrescentaria aos textos sagrados, nos lugares onde os profetas têm visões da felicidade messiânica, outra visão que, penso, até o próprio Deus aprovaria com um sorriso: “E os velhos se apaixonarão de novo²....”.

Mais do que sonhar, os velhos precisam se apaixonar novamente. Por mais que os sonhos reflitam um futuro enquanto possibilidade de novos rearranjos, o ato de se apaixonar se refere a um presente a ser usufruído e compartilhado. É a alteridade que contorna o corpo angustiado pela sensação de desamparo e aniquilação. Dessa forma, dar contorno à dor e ao vazio da imagem pode comparecer enquanto formas de lidar com a consciência da finitude do corpo, pois as marcas, as dores, os olhares, as perdas de atributos estéticos são ecos da mortalidade. A finitude, irrepresentável, é extremamente angustiante.

As perdas narcísicas que confrontam o sujeito com a possibilidade da castração real da morte, afirma Birman (1997), podem ser elaboradas em conjunto com um real que ofereça ao sujeito velho possibilidades de substituição simbólica das perdas. As relações de avosidade, o investimento na saúde física, preservação da autonomia, respeito às escolhas e decisões são exemplos de como o ambiente à volta do idoso pode auxiliá-lo a elaborar essas

² Referência ao texto bíblico em que o profeta Joel fala sobre uma felicidade futura: "E acontecerá, depois, que derramarei o Meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos velhos sonharão, e vossos jovens terão visões..." Joel cap. 2, vers. 28.

perdas. A substituição simbólica das perdas abre possibilidades para o velho encontrar formas de reestetizar a própria da velhice (LIMA; VIANA; 2015).

Além disso, o fortalecimento das relações sociais é fundamental para que essa reelaboração seja bem-sucedida. Novos enlaces sociais, seja na forma de amizade como na forma de um novo amor, podem auxiliar o idoso a elaborar novas vias para recondução de sua libido. “É de extrema importância poder pensar que a partir da redescoberta do sexo e do amor, o velho reconquista o lugar vital de homem e mulher e não mais o de velho, que tem como futuro o fim da vida” (SANTOS; CARLOS, 2003, p. 61).

A capacidade de amar não tem limite cronológico. O limite é imposto pelo discurso hegemônico que reconhece a juventude como a única fase vital própria do amor. A representação do amor como uma experiência própria (exclusiva?) da juventude acaba disseminando o preconceito e a intolerância social. O limite não está no real do corpo, ou na capacidade de sonhar, de simbolizar, de viver a vida. O sexual insiste para além das questões biológicas, pois mesmo que organicamente, com a velhice, o ser humano tenha perdas de suas capacidades físicas, não perde a capacidade de pulsar e desejar.

Referências

ALVES, R. *As cores do crepúsculo: a estética do envelhecer*. Campinas: SP: Papirus, 2001.

_____. *Desfiz 75 anos*. Campinas, SP: Papirus, 2009.

ÁVILA, A. H.; GUERRA M.; MENESES, M. P. R. Se o velho é o outro, quem sou eu? A construção da autoimagem na velhice. *Pensamento Psicológico*, v. 3, n. 8, p. 7-18, 2007.

BALTES, P. Theoretical propositions of the lifespan developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, v. 23, p. 611-696, 1987.

_____. On the incomplete architecture of human ontogeny: Selection, optimization and compensation. *American Psychologist*, v. 52, n. 4, p. 366-380. 1997.

BALTES, P.; BALTES, M. Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. In: BALTES, P.; BALTES, M. (Org.). *Successful aging*. New York: Cambridge University Press, 1990. p. 1-34.

BARROS, M. M. L. Apresentação. In: _____. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 49-67.

BIRMAN, J. *Estilo e modernidade em psicanálise*. São Paulo: Editora 34, 1997.

BRASIL. *Estatuto do idoso*. Brasília: Ministério da Saúde. 2003. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_2ed.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2016.

COSTA, J. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

DEBERT, G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1999.

_____. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. M. L. (Org.). *Velhice ou terceira idade?* Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 49-67.

ERIKSON, E. *The life cycle completed – a review*. (Extended version). New York: W.W. Norton & Company Inc. 1998. (Obra original publicada em 1982).

ERIKSON, E., ERIKSON, J. & KIVNICK, H. Vital involvement in old age. New York: W. W. Norton & Company Inc., 1986

ERIKSON, J. Gerotranscendence. In: ERIKSON, E. *The life cycle completed – a review*. (Extended version). New York: W.W. Norton & Company Inc., 1998.

FREUD, S. Luto e melancolia. In: _____. *Obras completas*. Tradução de P. C. Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 170-193. v. 12 (Obra original publicada em 1915).

_____. O ego e o id. Em *Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Tradução de L. A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago. v. 3, p. 13-102, 2007. (Obra original publicada em 1923).

JORGE, M. A. C. *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 1: as bases conceituais*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LACAN, J. O estádio do espelho como formador da função do eu. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. p. 96-103. (Obra original publicada em 1949).

LIMA, S.; LIMA, P.; COROA, M. L. Identidade de velhos: modos de identificação e discursos de resistência na velhice. *Domínios de Linguagem*, v. 10, n. 3, p. 903-926, 2015.

LIMA, P.; VIANA, T. Velhice e psicanálise: O corpo, o tempo e o trabalho na clínica com idosos. In: HUR, D.; LACERDA JR., F.; RESENDE, M. R. (Org.). *Psicologia e transformação: Intervenções e debates contemporâneos*. Goiânia: Editora UFG, 2015. p. 223-246.

LIMA, P., VIANA, T.; LIMA, S. Poética da velhice em narrativas autobiográficas: Um estudo à luz da psicanálise. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 15, n. 1, p. 58-78, 2015.

MANNONI, M. *O nomeável e o inominável: a última palavra da vida*. Tradução de D. Estrada. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

MÁRQUEZ, G. *O amor nos tempos do cólera*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. *Memória de minhas putas tristes*. 12. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe*. São Paulo: Aleph, 1999.

MOLETTA, A.; OLIVEIRA, R. Sexualidade na terceira idade: um estudo de caso. *Anais do XVI Encontro Anual de Iniciação Científica*, p. 1-3. 2007.

MUCIDA, A. *O sujeito não envelhece*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

_____. *Escrita de uma memória que não se apaga*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NERI, A. L. O legado de Paul B. Baltes à Psicologia do desenvolvimento e do envelhecimento. *Temas em Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 14, n. 1, p. 17-34, 2006.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005.

RIBEIRO, A. Sexualidade na terceira idade. In: NETTO, M. P. *Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada*. São Paulo, Athenes, 2009.

SANTOS, S.S.; CARLOS, S. A. Sexualidade e amor na velhice. *Estudos interdisciplinares e envelhecimento*, v. 5, p. 57-80, 2003.

TORNSTAM, L. Gerotranscendence: the contemplative dimension of aging. *Journal of aging studies*, v. 11, n. 2, p. 143-54, 1997.

RAYNARA ALVES DA SILVA MARCELINO

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (PPGP-UFG). CV: <http://lattes.cnpq.br/0771932162072650>. E-mail: raynaraalvesmarcelino@gmail.com.

PRISCILLA MELO RIBEIRO DE LIMA

Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (PPSICC-UnB). Professora adjunta da Faculdade de Educação (FE-UFG) e docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Goiás (PPGP-UFG). CV: <http://lattes.cnpq.br/5233347099900059>. E-mail: primlima@gmail.com.

SOSTENES CEZAR DE LIMA

Doutor em Linguística pela Universidade de Brasília (UnB). Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (PPG-IELT) e do curso de Letras da Universidade Estadual de Goiás (UEG). CV: <http://lattes.cnpq.br/2034769457931039>. E-mail: limasostenes@gmail.com.